

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º	6.º ANNO — VOLUME VI — N.º 163	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, moeda forte)	35800	15900	5950	5120	1 DE JULHO 1883	LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42
Possessões ultramarinas, (idem).....	46000	26000	-3-	-5-		
Estrangeiro (união geral dos correios).	56000	28500	-5-	-6-		
Brazil (moeda fraca).....	156000	76500	-5-	-6-		

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

CHRONICA OCCIDENTAL

Finalmente vamos hoje fallar do *Salustio Nogueira*, o recente romance de Teixeira de Queiroz.

Não esperem todavia, que façamos ácerca d'esse original livro uma longa critica profunda; não é essa a nossa missão aqui, nem mesmo é facil de fazer depois d'uma primeira leitura a critica definitiva, d'uma obra largamente e seriamente pensada, escripta com uma grande correcção de acabamento, feita escrupulosamente por um processo litterario perfeitamente individual d'esse romancista notavel, processo que se distingue muito do de todas as escolas que hoje se degladiam.

O *Salustio Nogueira* é um romance moderno, e todavia não se parece inteiramente nada com os romances de Eça de Queiroz, e com os romances de Zola.

É melhor? É peor?

É outra coisa, eis tudo.

No *Salustio Nogueira*, do mesmo modo que nos outros romances anteriores de Teixeira de Queiroz ha paginas fatigantes, pallidas, sem o grande interesse dramatico, que prende a imaginação do leitor habitual de romances; mas a critica que facilmente poderia apontar isso como um defeito, tem que demorar o seu *veridictum*, e de proceder a mais séria e detida analyse, tem de entrar n'uma discussão de principios, desde o momento em que esses apparentes defeitos, entram no trabalho do romancista, como um meio do seu processo, e são feitos de caso pensado, calculadamente.

A critica definitiva d'estes romances portanto, d'estes romances muito pensados, muito meditados, muito calculados, não se póde fazer levianamente ao correr da penna; é necessario para a fazer passar da apreciação do romance á discussão de theorias artisticas.

Teixeira de Queiroz não é simplesmente um artista; é um pensador grave, é um homem de sciencias sério.

Nas suas obras, não ha nada ao acaso: não ha a parte da inspiração: todos os seus personagens, todos os seus dialogos, todas as suas descrições, são longamente pensadas: cada palavra, tem uma razão de ser, é essa razão de ser que se deve discutir, que se deve condemnar ou louvar.

Já comprehendem facilmente que não podemos entrar aqui n'essa analyse minuciosa e séria de processos litterarios, n'essa discussão de escolas que demanda um estudo profundo, que o tempo nos não deixa fazer agora, e um largo desinvolvimento, que o espaço aqui nos não permitiria.

Não é portanto a critica do

Salustio Nogueira que vamos fazer; vamos simplesmente dar a nossa impressão, a impressão espontanea d'uma primeira leitura, que em nós produziu esse longo livro, cujas ultimas paginas, acabamos de ler n'este momento.

A não ser n'essas ultimas paginas, profundamente dramaticas e delacerantes, o *Salustio Nogueira* nunca nos impressiona fortemente com uma situação dramatica, ou com um episodio comico.

O grande defeito do livro á primeira vista, para o leitor que procura no romance commoções, é este.

Lêem-se quatrocentas longas paginas, em typo miudo e compacto, sem que uma gargalhada se nos solte dos labios, nem uma lagrima assome aos olhos.

Esse defeito porém, passa a ser uma qualidade litteraria, que não se póde condemnar sem se discutir, desde o momento em que é o característico do seu author, a resultante do seu processo, a preocupação do seu trabalho litterario.

Estudo do nosso comico mundo politico, passando-se toda a acção do livro entre personagens profundamente comicos, copiados com uma grande precisão correcta do natural, nada mais facil a um humorista do que estourar gargalhadas a cada pagina, póde-se dizer a cada phrase.

Impellindo um quasi nada para a charge aquelles personagens, aquellas situações, aquellas phrases ocas e banaes dos politicos de Teixeira de Queiroz, ter-se-ia um livro d'uma grande alegria burlesca, d'uma hilariedade ruidosa.

Teixeira de Queiroz porem, fugiu calculadamente, systematicamente d'esses effeitos comicos.

Não quiz fazer a caricatura do nosso mundo politico — quiz fazer simplesmente um retrato, um retrato photographico, para que o lapis não carregasse mais aqui ou ali uma feição, e para que o retratado se reproduzisse fielmente, completamente, tão real e perfeitamente como existe na vida.

E debaixo d'esse ponto de vista, o *Salustio Nogueira* é um primor.

É discutivel esse ponto de vista, é discutivel sobre tudo desde o momento em que os personagens reproduzidos são tão banaes, inspidos, tão massadores, como os politicos portuguezes; mas o que é indiscutivel é que Teixeira de Queiroz realisou primorosamente o seu ideal, conseguiu brilhantemente o fim que se propozera.

Nem um momento sequer sacrificou á charge, sacrificou ao effeito.

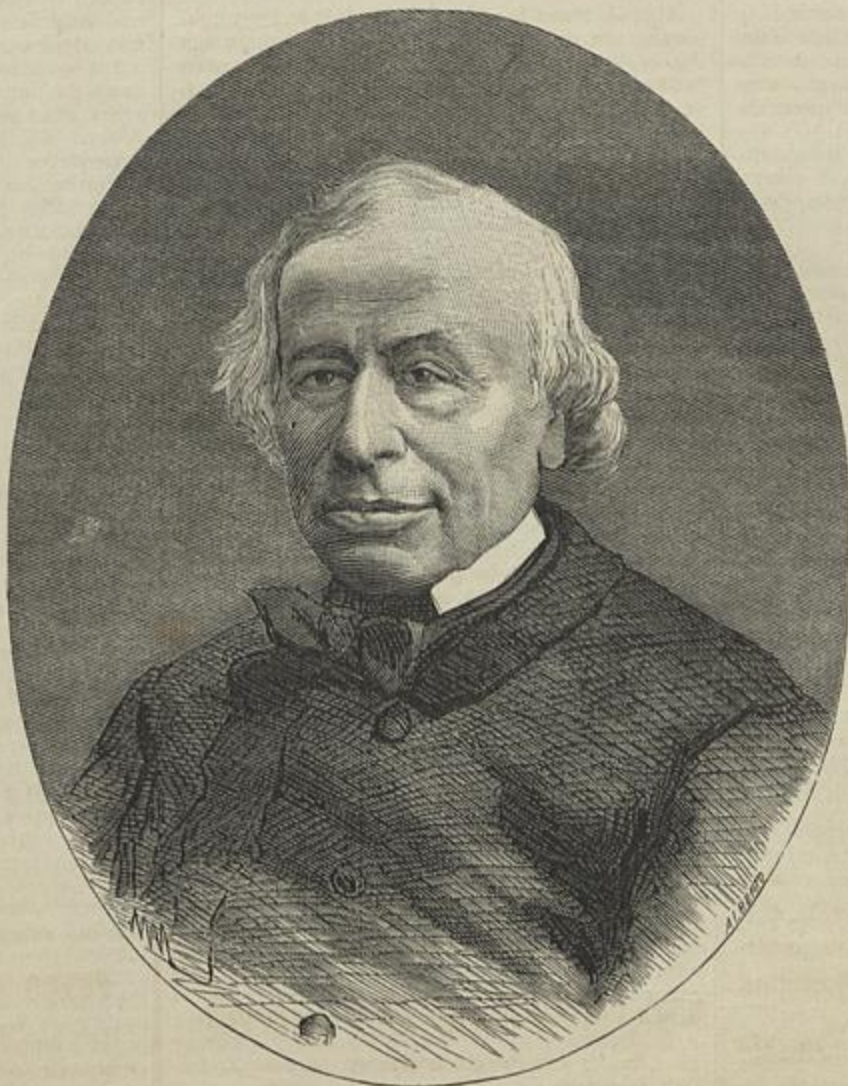
Nós temos o direito de lamentar isso, porque em vez de por exemplo nos massarmos durante duas horas a assistir no *Salustio Nogueira* a uma sessão insipida da camara dos deputados, e a uma discussão oca e prudhemesca, ternos-hiamos divertido com uma serie de ditos engraçados e de phrases comicas; mas temos a obrigação de reconhecer que aquillo é uma photographia perfeitissima, e de admirar a sobriedade do author, a sua tenacidade nunca desmentida — infelizmente — em não sahir dos limites estictos que ao seu trabalho marcára.

E então n'esse genero, dentro d'esses limites, ha no *Salustio Nogueira* verdadeiras obras primas.

O discurso de Salustio em resposta a Jorge Agualonga, na camara dos deputados, a respeito da exploração das ostras parece textualmente arrancado do *Diario das Camaras*.

É ôco, vazio, rhetorico, palavroso como, aquelles que constituem o pão nosso de cada dia do parlamento portuguez.

Isto não se comprehende, diz Salustio com a voz e attitude magestática do tribuno.



EDUARDO LABOULAYE — Fallecido em 25 de maio de 1883

(Segundo uma photographia de E. Appert)

Se não fosse conhecer qual a posição especial do meu sabio contendor que veio aqui com o seu mandato opposicionista, não acreditava que tal se dissesse a sério (*apoiados*). Mas a opposição, ainda que combata o governo, dever que lhe não contestamos, entendo que melhor fará á propria causa, procurando questões que não sejam tão antipathicas ao publico, que desejando comer ostras boas e baratas, estima que se faça esta concessão. (*muitos apoiados*) É preciso não se exorbitar, não fazer politica de tudo e por tudo. Fallo á razão das pessoas esclarecidas, e á consciencia dos homens imparciaes. As minhas palavras inspiradas na mais recta inteireza e justiça, levarão ao animo dos membros da propria minoria o convencimento de que o governo, n'esta, como em muitas outras questões, tem procedido sempre com a boa vontade de servir o paiz e os altos interesses publicos que lhe estão confiados. Reconheço a minha insignificancia diante dos luminosos astros que n'estas cadeiras tem resplandecido, tal como um José Estevão de gloriosa memoria, um Garrett, um Rodrigo da Fonseca, um Passos Manuel. Porém, quando a causa é justa como a que actualmente se ventila, não me fallecerá jamais o animo, para me impor o dever de pugnar pelos verdadeiros e sinceros principios em que acredito, e que poderei resumir em duas palavras gigantes, que todos nós temos escriptas no coração!...

«Suspendeu-se para tomar folego e por desejar que sobre esta affirmação de doutrina cahissem as attentões dos espectadores. Depois continuou n'um tom claro e solemne!

«Essas duas palavras são *Progresso e Ordem* (*muito bem*)

Ordem mais do que progresso, porque sem ordem não ha progresso, possível. As instituições que felizmente nos rejem, as quaes o illustre deputado não ama (surpresa de Agualonga e aspecto de reclamante) não adora com mais fervor do que eu: (Jorge volta ao seu aspecto placido, apasiguado com a rectificação) o sabio monarcha que com tanta prudencia, quanta sagacidade, preside aos destinos do paiz, deve ser objecto de nosso respeito e de toda a nossa solicitude (*applausos geraes; Agualonga inclina a cabeça*) Os notaveis oradores da opposição podem ter a certeza de que os homens que estão sentados n'aquellas cadeiras, sabem bem as responsabilidades que os sobrecarregam.

Sabem muito bem embora a sua modestia lh'o não deixe confessar, que a maioria d'esta casa tudo espera d'elles: pois não ignoramos quanto empenho quanto disvello, quanto talento empregam na resolução das momentosas questões que lhes estão confiadas. Sim, senhores! Mas desejam corresponder ao muitissimo que é legitimo esperar das suas capacidades especiaes, e pouco viverá, quem não vir, como hão de cumprir a sua nobre missão.»

Chega a ser assustadora de verdade esta photographia oratoria, e nós ao vel-a estremecemos de horror: é para evitar estes e outros discursos, que fugimos ha annos, com um santo e nobre horror, das galerias do parlamento portuguez, e elle o perfido veio surprender-nos traiçoeiramente nas paginas de Teixeira de Queiroz.

Para nós o grande contra do livro é este: ser tão verdadeiro, tão real, que a gente lendo-o vive umas poucas horas n'esse meio fastidioso, banal, massador da politica, n'esse *monde où l'on s'ennuie*, a que nos furtamos com terror na vida.

Mas é preciso considerar bem quanto trabalho não foi necessario a um espirito elevado e brilhante como o de Teixeira de Queiroz para se metter dentro d'essas figuras imbecis e insignificantes e para viver dentro d'ellas cerca de quinhentas paginas.

Este discurso de Salustio Nogueira, com toda a sua *tournaire* prudhomesca, com toda a sua irritante banalidade, com todo o seu imperpetigamento balôfo de logares communs é uma peça litteraria de difficilima execução.

Imital-o, reproduzilo no seu desesperador *juste milieu* entre a eloquencia e o disparate, tal qual como a mediocridade e a insignificancia os confecciona todos os dias no parlamento portuguez é um *tour de force*, que só pode realisar-se com profunda observação da verdade, com uma grande consciencia do real, uma aniquilação completa e heroica da individualidade propria, ante o fim artistico que se tem em vista.

E em todo o romance se nota sempre este rigoroso escrupulo de verdade nos personagens, no dialogo, na acção, escrupulo que pode tornar o livro ás vezes fatigante, mas que denota os poderosos recursos d'observador e de artista intransigente, em Teixeira de Queiroz.

No fim do livro é que o romancista apparece, dando um desenlace tragico aquella simples comedia burgesa.

A Angelina, um personagem dos mais bem estudados do romance moderno e que está desenhada com um potente sopro de vida e de humanismo, assume no final altas proporções dramaticas. As ultimas paginas são magnificas de interesse dramatico e de colorido. O suicidio de Angelina no *Aterro*, por uma noite terrivel de inverno, a sua morte no hospital, a dôr de Joaquim das Neves, são paginas soberbas que se podem comparar ás melhores paginas discriptivas dos *Goncourts*.

O discurso funebre pronunciado por Salustio á beira do tumulo do ministro da guerra, é tambem d'uma verdade flagrante e enorme.

A recita de Caridade no salão da Trindade, é egualmente um primor de observação e de sobriedade d'effeitos.

Em todo o livro ha o desenvolvimento logico e rigoroso d'um processo especial, que se pode descurtir com certeza, mas que representa uma individualidade litteraria possante e original.

Lamentamos não poder fazer uma analyse mais detida e minuciosa do livro de Teixeira de Queiroz, mas o espaço fallece-nos completamente, e mesmo esta rapida noticia levou-nos toda a chronica, que verdade seja, só tinha um acontecimento importante a registar, assumpto a que o OCCIDENTE se referirá largamente n'outro logar, a morte do general conde de Torres Novas.

Gervasio Lobato.

EDUARDO DE LABOULAYE

A França tem perdido durante os ultimos seis mezes alguns dos seus homens mais illustres.

Ao alvorecer do anno cahia Gambetta no sepulchro; pouco depois era Gustavo Doré, era Luiz Veuillot, era Julio Sandeau, sem fallar de Viardot e outros, cujo nome nas artes, nas letras, ou nas sciencias deixaram memoria respeitada.

A 25 de maio fallecia, fulminado por uma apoplexia, um dos juriconsultos mais notaveis, um dos espiritos mais cultos, um dos escriptores mais brilhantes que aquella bella nação estimava, o sr. Eduardo de Laboulaye, senador no parlamento francez e pae do actual ministro da republica em Portugal o sr. Paulo de Laboulaye.

Eduardo Renato Lefebure de Laboulaye nasceu em Paris a 18 de janeiro de 1811.

Depois de ter estudado direito e de ter feito a sua formatura, applicou-se ao estudo dos juriconsultos e historiadores allemães, em cujos trabalhos introduziu a clareza de vistas e de exposição, que desde logo o fizeram reconhecer como uma capacidade de primeira ordem.

A sua primeira obra *Historia do direito de propriedade territorial no Occidente* publicada na idade de 28 annos, em Paris 1839, foi coroada pela Academia das Inscripções. No anno seguinte publicou a sua *Tentativa sobre a vida e obras de Savigny*, e em 1843 o *Exame ou Investigação sobre a condição civil e politica das mulheres, desde o tempo dos romanos até hoje*, egualmente coroada pela Academia das Sciencias Moraes. Em 1845, *Investigação das leis criminaes dos romanos com relação á responsabilidade dos magistrados*, tambem coroada pela Academia das Inscripções.

Tendo percorrido alguma parte da Europa e America, publicou em 1854, em tres volumes, a *Historia dos Estados Unidos da America* e os *Estudos contemporaneos sobre a Alemanha e paizes slavs*. Em 1856, em um estudo publicado sob o titulo de *As taboas de bronze de Malaga e Salpensa*, poz em duvida com razões habilmente deduzidas, a authenticidade das referidas taboas, então recentemente descobertas, e que a diversos sabios tinham merecido attenção, parecendo-lhes virem lançar nova luz sobre a organização dos municipios no imperio romano. Em 1857 publicou as *Recordações de um viajante*; em 1858 *A liberdade religiosa*, os *Estudos sobre a propriedade litteraria em França e Inglaterra* e a *Introdução ao Direito francez de Claudio Fleury* em collaboração com Rodolpho Dareste.

Desejando fazer conhecer o direito antigo da sua patria editorou o *Costumeiro de Carlos VI* em 1846, *Institutas costumeiras de Loisel*, com

importantes notas, em collaboração com Dupin. Traduziu e publicou as obras sociaes de Channing em 1855.

Não se julgaria talvez que um homem cevado na interpretação logica e frieza dogmatica do direito, pudesse abalançar-se a outro genero de litteratura com verdadeiro successo, com quanto em todas as suas obras scientificas manifestasse esplendidas qualidades de estylo, mas a publicação de um romance arabe *Abdallah*, e principalmente outro assaz conhecido *Paris na America*, vieram confirmar os juizos que se podiam ter formado, ao ler os seus livros de direito e as suas *Recordações d'um viajante*.

O *Paris na America*, estudo critico ao mesmo tempo que social e satyrico, publicado sob o nome de Renato de Lefebure é escripto com *verve* tão fina e espirituosa que nenhum dos grandes romancistas francezes desdenhariam de o assignar; edições sobre edições têm provado quanto interessa este livro tão ameno quanto profundo.

São tantas as obras de todo o genero publicadas pelo grande publicista, que as não podemos enumerar, limitando-nos apenas a mencionar o conto satyrico *O principe Caniche* que obteve um successo extraordinario e fez bastante ruido.

Desde 1842 Laboulaye se tinha feito inscrever como advogado no foro de Paris; em 1845 era nomeado membro da *Academia das inscripções e bellas letras* e em 1849 era nomeado lente de legislação comparada no collegio de França.

Em 1850 juntou-se aos homens que pretendiam fazer levantar em França o espirito publico, contribuindo com as suas obras e conferencias para fazer conhecer e propagar as instituições americanas e as idéas democraticas. Apresentando-se candidato em 1863, 66 e 69 por diversos circulos não conseguiu maioria, com quanto obtivesse em alguns votação consiraravel. Em 1870, tendo publicado uma carta a 25 de abril na qual dava a sua adhesão ao plebiscito ou apello ao povo, declarando que «a melhor constituição é a que se possui, com tanto que se execute» foi accusado de renegar o seu passado e de fazer causa commum com o Imperio.

A todos os homens de espirito recto, character independente, que prescrevendo uma orbita ao seu procedimento, não declinam para as exagerações demagogicas succede o mesmo; porque em geral os contemporaneos não percebem que não são estes homens que mudam ou renegam a sua opinião, mas são os successos, que aproximam da linha que elles seguem, aquillo que parecia estar em contradição com o seu passado. Assim succedia entre nós a Mousinho d'Albuquerque.

Emfim em 1871, na eleição complementar de 2 de julho foi eleito representante do povo á assembléa nacional, e tomando assento no centro esquerdo, foi logo considerado seu presidente, votando com elle durante o curso dos trabalhos d'essa assembléa.

A sua palavra facil, sobria e brilhante, a profundidade dos seus conhecimentos, fizeram muita vez inclinar para a sua opinião as votações das assembléas.

Em 1873, no começo da agitação causada pelas manifestações legitimistas, declarou, em uma carta tornada publica, que votaria pela republica, conservando-se fiel ao seu dever.

Na discussão da proposta do general Changarnier para prorrogar os poderes do general MacMahon por mais dez annos, foi de opinião que ella se juntasse á organização dos poderes publicos, votando contra o septenado. Votou a modificação do projecto Wallon e o conjunto das leis constitucionaes.

Em 1875 foi eleito senador e logo tomou o seu logar no centro esquerdo desse corpo legislativo, onde entrava pela primeira vez. Com esse centro votou na maior parte das questões e medidas importantes.

Afastou-se porem d'elle em occasiões decisivas, raras é verdade, como na da liberdade do ensino superior, á qual elle queria juntar o direito de conferir os graus, e na da nomeação dos *maires* (administradores de conselho) pela qual votou, causando entre os seus correligionarios estranheza esta sua opinião.

Membro da commissão de reforma do ensino tomou parte em todas as discussões que se levantaram no senado, para combater as disposições contrarias ás pretenções do clero e das congregações religiosas.

A mesma attitude conservou em todas as discussões que no senado se debateram por essa occasião. Ultimamente havia sido eleito membro da commissão do ensino secundario livre, sendo

com Julio Simon e de Ravignan opposto ao projecto.

A politica, que o tinha feito substituir na sua cadeira do Collegio de França pelo sr. Eugenio de Rozière, não impediu que os seus collegas o escolhessem, como o fizeram em 1873, 1876 e 1879, para administrador d'aquelle importante estabelecimento, prestando assim homenagem á actividade, infatigabilidade e alta capacidade do sabio professor.

Em 1875 foi eleito presidente da commissão da União-franco-americana para a celebração do centenário da independencia dos Estados-Unidos.

N'este mesmo anno publicou uma edição completa das obras de Montesquieu.

Em 1878 foi promovido a official da Legião de Honra.

Havendo-se proposto em 1880 candidato á Academia franceza, no lugar vago pela morte de Silvestre de Sacy, foi-lhe preferido Maximo du Camp por 18 votos contra 6. Não deixa de ser curioso este facto!

Desde 1847 era collaborador do *Journal des Débats*, e tanto alli como em todos os seus escriptos pugnou sempre pela liberdade, defendendo aquelles que por ella sofriam, e as iniciativas briosas e promettedoras.

No dia 18 de maio ainda o sr. Eduardo de Laboulaye assistira á sessão do Senado.

As exequias d'este sabio e grande cidadão, celebradas no dia 28 assistiram, alem de um concurso numeroso de cidadãos de todas as classes, e de todos os partidos, o presidente do conselho Julio Ferry, os ministros Cocheroy, Challamel-Lacour, Raynal, os representantes de Portugal, da Suissa, dos Estados Unidos, o duque de Broglie, os condes d'Hassonville e de Vogue, Fernando de Lesseps, todos os professores do Collegio de França, membros do Instituto etc.

O sr. Paulo de Laboulaye que havia partido sem demora, á primeira noticia da grave doença de seu pae, ponde assistir com o coração cortado de dor a essa cerimonia imponente, em que se prestava a derradeira homenagem ao homem sabio e virtuoso que honrava a França e a quem o mundo respeitava.

Brito Rebello.

DEZ DIAS EM HESPANHA

NOTAS DE VIAGEM

I

(Continuado do numero antecedente)

Talavera de la Reina foi o nosso primeiro encontro a sério com os hespanhoes.

A serio e muito a serio, porque quando ali chegámos já lá iam 18 horas de viagem, e com ellas todas as gallinhas e toda a vitella do nosso precedente farnel.

Ahi não havia remedio senão almoçar. O estomago reclamava-o imperiosamente, e nós puchando o lustro ao nosso melhor castelhano apeámos-nos e entrámos no buffette pedindo n'essa voz gritada com que sempre se falla a estrangeiros:

— Algo que se coma.

Na meza já não havia um lugar vago: os criados passavam por deante de nós com uns pratos em que iam varias iguarias, e em que se iam os nossos olhos.

E a respeito de nos servirem, nada.

Um nosso compatriota, chegando-se a um d'esses criados gritou-lhe n'um berreiro, como se estivesse fallando com o Taborda de ha dois annos.

— Dê-me alguma cousa que se coma.

O criado respondeu-lhe muito atarefado.

— Queira usted tomar uma silla.

O nosso compatriota olhou-o cheio de indignação, deitou a mão a dois pães, e a um naco de queijo e sahiu para o comboyo sem pagar. Foi assim que vingou o ultrage.

Nós, depois de muitas avançadas, seguidas do mais deploravel exito conseguimos apanhar um lugar á meza.

— Jambon dulce, disse-nos um criado apresentando-nos uma travessa de fiambre.

Despejamos-a avidos no nosso prato; mas tão depressa mettemos um pedaço de fiambre na bocca ficámos aterrados e enjoados.

O fiambre era cosido com assucar!

Mais tarde fizemos as pazes com esse mimo da cosinha hespanhola em Toledo: ali em Talavera fomos intransigentes com elle. Deixamol-o no nosso prato. Comemos apenas um pedaço de carne assada, e duas laranjas, pelas quaes nos comeram quatro pesetas.

E a viagem seguiu, sentindo-nos nós profundamente desconsolados pelo nosso debute como estrangeiros...

• • •

De Talavera de la Reina para cima a viagem foi mais divertida. Tudo aquillo era novidade para nós, até o proprio sol, que nos escaldava dentro do wagon, com umas brasas, com que n'este anno ainda nos não tinha obsequiado em Lisboa.

Depois Madrid começava a apparecer-nos com uma esperanza realisavel.

Faltavam só tres horas e tanto para lá chegar. Nas estações havia já certo movimento de festa. Em Illecas armava-se uma barraca de campanha para receber os reis de Portugal no dia seguinte, uma barraca que nos fez pensar nos antigos scenarios do theatro das Variedades, no sr. Parizini, nas suas magicas...

Quando o comboyo parava, a voz grave dos empregados do caminho de ferro portuguez, annunciando sonoramente: — Ponte de Sant'Anna — Azambuja, cinco minutos de demora; fôra substituida por uma cantilena em hespanhol cujo *libretto* se não comprehendia muito bem.

Depois dos homens cantarem duas ou tres vezes, ouvia-se de todas as portinholas a pergunta: — Quanto se demora! Quantos minutos?

E então uma voz de baixo profundo respondia, quando respondia, em notas graves;

— Dos.

• • •

— Estamos perto de Madrid, faltam só duas estações, participou-nos um companheiro nosso, que meditava profundamente o *guia annunciador*.

— O demonio! Então vamos tratar de nos arranjar.

— E é preciso fazer certa toilette. Hade estar lá muita gente á nossa espera:

— A commissão dos jornalistas!

— E nós vamos immundos.

E foi um rebolição enorme na nossa carruagem. Abriam-se e fechavam-se malas, continuamente, para guardar umas cousas e tirar outras: lavamos as caras dentro d'umas caixas de folha de bolachas *Marie*, enxovalhamos um montão de lenços limpando-nos; substituímos punhos e collarinhos: arranjamos — arranjaram elles — os penteados; e penteamos — penteei eu, — as barbas: e assim, mais apresentaveis, esperámos a chegada a Madrid, julgando ver a villa coronada, em todos os telhados das povoações por que iam passando.

E entretanto eu ia pensando na historia do pae do Sebastião...

• • •

Conto-lhes em duas palavras essa historia.

Ha sete ou oito annos fomos dar um passeio por ahi acima, o Luciano Cordeiro, o Sebastião e eu.

A nossa primeira estação de villegiatura era Ovar, onde nos demoraríamos tres dias.

Ora o Sebastião era de Ovar. Partimos de Lisboa á noite, conversámos primeiro, e depois adormecemos, e adormecemos profundamente.

No melhor do nosso somno, o Luciano e eu fomos acordados em sobresalto pelo Sebastião.

— O que é isto? Ha alguma novidade? Perguntámos estremunhados.

— Arranjem-se homens, que estamos quasi em Ovar.

— Estamos arranjados, replicámos de mau humor. Queres que façamos toilette agora, ás 5 horas da manhã para entrar em Ovar.

— Vocês são idiotas! Mudem de fato, calcem luvás.

Olhámos para elle, com os olhos ainda meio fechados e vimol-o effectivamente, de ponto em branco, luvás irreprehensíveis, fato differente d'aquelle com que adormecera.

— Mas para que é isso?

— Então vocês não sabem, homens! O meu pae está á nossa espera na estação, com tudo o que ha de melhor na terra. Vamos ter uma recepção principesca. Até teremos philarmônicas: vocês não sabem como aqui se fazem as coisas.

— Oh! demonio! essa agora é que é uma dos diabos. Então a gente agora ha de se ir vestir aqui? Que massada! O demonio leve as philarmônicas e as recepções.

E de muito mau humor começamos-nos a despir, a abrir as malas, a envergar um fato apresentavel.

E o sol ia-se espreguiçando por aquelles campos fôra, e nós espreguiçando-nos pelas almofadas da carruagem mais somnolentos e massados do que elle, porque ao menos elle não tinha o pae do Sebastião, á sua espera com philarmônicas.

— Andem, aviem-se, depressa, dizia a cada momento o Sebastião apurando os *crocs* do seu bigode louro. Não tarda ahi á estação.

Nós fomos-nos vestindo e descompondo-o.

Finalmente a nossa *toilette* fez-se.

— Vamos lá a isto! murmurámos resignados. Da estação ao hotel é muito longe?

— Qual longe! Temos os melhores trens da terra ás nossas ordens. Está tudo lá á nossa espera com o meu pae... Olha, parece-me que já ouço musica... Estamos quasi a chegar...

O comboio passou a correr, com um ruido metalico por cima da ria onde saveiros de fôrma pittoresca passejavam as suas velas entufadas, depois começou a ralentar a passos.

— Estamos lá. Andem para aqui, para a portinhola, para nos verem logo, vamos ter uma ovação. Vão vér, vão vér...

O comboio parou.

— Ovar! Ovar! gritou a voz do empregado. Olhámos curiosos! Na estação ninguém.

O Sebastião estava pallido.

— Então a philarmônica, o teu pae?

— É que o comboio chegou antes da hora. Naturalmente estão lá dentro, do outro lado da estação.

Apeámos-nos carregados de malas. Atravessámos a gare, sahimos da estação, ninguém.

— Então o teu pae?

— Está ahi a chegar. É que veio antes da hora, o comboio.

Esperámos cinco minutos: nem viv'alma.

— Homem! Vamos indo para o hotel.

— Se querem vamos, consentiu o Sebastião. Mas vamos encontrar essa gente toda no caminho.

— Não ha carros para o hotel? perguntámos a um garoto que estava agarrado ás nossas malas.

— Não senhor.

— Nem *char-à-bancs*?

— Não senhor, não ha nada, é muito perto. Olhámos furiosos para o Sebastião.

— Então as taes carruagens?

— Vamos encontrar-as no caminho. O comboio chegou com adiantamento, respondeu elle retrocedendo os bigodes.

— Então, toca a andar.

Dividimos as malas entre nós e o garoto e puzemo-nos a caminho.

O sol batia-nos em chapa, e as malas pesavam como o demonio.

Atravessamos Ovar, que apparecia em mangas de camisa ás portas das suas lojas pequeninas, estafados, suados, indignados, e por fim penetrámos na hospedaria e era uma vez o Pae do Sebastião.

E d'ahi em deante, o Luciano Cordeiro e eu, quando iamos a alguma parte e não encontramos ninguém, diziamos logo:

— Estava lá o pae do Sebastião!

• • •

— Madrid! Madrid! gritaram de todos os lados. O comboyo parára e os empregados vinham buscar os bilhetes.

Nós olhámos pelas portinholas, e vimos lá ao longe um grupo grande de chapéus altos.

— É gente que está a nossa espera. E demos uns ultimos toques ás nossas *toilettes*.

O comboio começou a andar de vagarinho, com um grande ruido.

Momentos depois, parou: e os empregados abriram as portinholas.

Estavamos em Madrid.

Olhámos para todos os lados á procura da multidão que nos esperava.

Para a carruagem d'onde nos apeavamos não se dirigia ninguém.

Quem estava á nossa espera na gare de Madrid, era o pae do Sebastião!

(Continua).

Gervasio Lobato.

CARTAS DE A. LOPES MENDES

AO SEU AMIGO

DR. AUGUSTO CESAR DA SILVA MATTOS

5.^a carta

S. Paulo, 24 de janeiro de 1883.

Amigo Mattos. — A partir da barra do Pirahy em direcção a S. Paulo, o caminho de ferro corre sempre á vista, ora á direita, ora á esquerda do formoso Parahyba. Esta passa por entre colinas, extensos valles, e banha o sopé de montanhas de rochas eruptivas, mesozoicas, e Cainozoicas; vendo-se massas de todas as dimensões e formas de granito, de gneiss, trachytes e diorites, de que provem o terreno roxo, tão proprio para o cafezeiro; calcareo, de envolta com grandes mas-

oriente até 10 kilometros da povoação da Cachoeira, e d'este ponto caminha em linha recta para nordeste e entra na provincia do Rio de Janeiro.

Os principaes tributarios do Parahyba, em S. Paulo, são: o Jaguary, Buquiza, Piauhy, Una e Turvo. No seu curso até á foz, banha os ricos municipios de Jacarahy, Santa Branca, S. José, Parahybuna, Cacapava, Tanbaté, Pindamonhangaba, Guaratinguetá, Lorena, Queluz, Itatiaia, Campo Bello, Rezende, Suruhy, Pombal, Barra Mansa, Vargem Alegre, Barra do Pirahy, onde fórma as ilhas Augusta, Judith, e outras mais ou menos extensas. Passa por Sapocaia, Porto Novo e Velho da Cunha, S. Sebastião, S. Fidelis, campos e Barra de S. João, onde vae desaguar no oceano Atlantico. Foi o Parahyba a via fluvial mais importante para a condução dos produ-

sição é intermediaria a elle, quer em seu lançamento para oeste, quer em sua reversão para nordeste. A parte da provincia de Minas Geraes, que começa do alto da cordilheira que acompanha o Morro do Lopo e que se dirige a nordeste, é tributaria do Parahyba, comprehendendo ahi os importantes municipios de Baependy, Pouso-Alto, Itapeba, S. Gonçalo e Companhia.

Na cidade de S. Paulo fui muito bem recebido e obsequiado pelos ex.^{mos} srs. senador Francisco de Carvalho Soares Brandão, do conselho de S. Mag. Imperial e dignissimo presidente da provincia; conselheiro Martins Francisco, Antonio da Silva Prado e sua respeitavel familia; dr. João Baptista de Moraes, José Duarte Rodrigues, vice-consul de Portugal, commendador Goncalves Pereira, Pimenta Bueno e outros cavalheiros. A todos e á imprensa paulistana, pelo bom acolhi-

A COROAÇÃO DO CZAR, EM MOSCOW



LEITURA DA PROCLAMAÇÃO DO CZAR AO POVO, DIANTE DAS PORTAS DO KREMLIN

sas de quartzo, de silica, de talco, e de argilla, tudo em desordem, offerecendo aos amadores de geologia, elementos de estudo importantissimos.

O rio Parahyba, assim designado depois da confluencia do Parahybuna e Parahytinga, começa a ser importante proximo de Jacarahy. Aqui, voltando para nordeste, vae banhar as fraldas da collina em que assenta a cidade de S. José do Parahyba, e segue até perto da villa de Caçapava, indo defrontar com a cidade de Tanbaté; depois, inclinando-se para sueste até á cidade de Pindamonhangaba, onde fórma uma pequena curva, desvia-se e vae mais adiante formar outra, tomando no fim d'esta a sua precedente direcção para nordeste; e passando pelas cidades de Guaratinguetá, separa a parte principal d'esta cidade, do bairro denominado Pedregulho; bairros que estão ligados por uma elegante ponte de madeira com 40 metros de comprimento.

De Lerena segue o rumo de occidente para

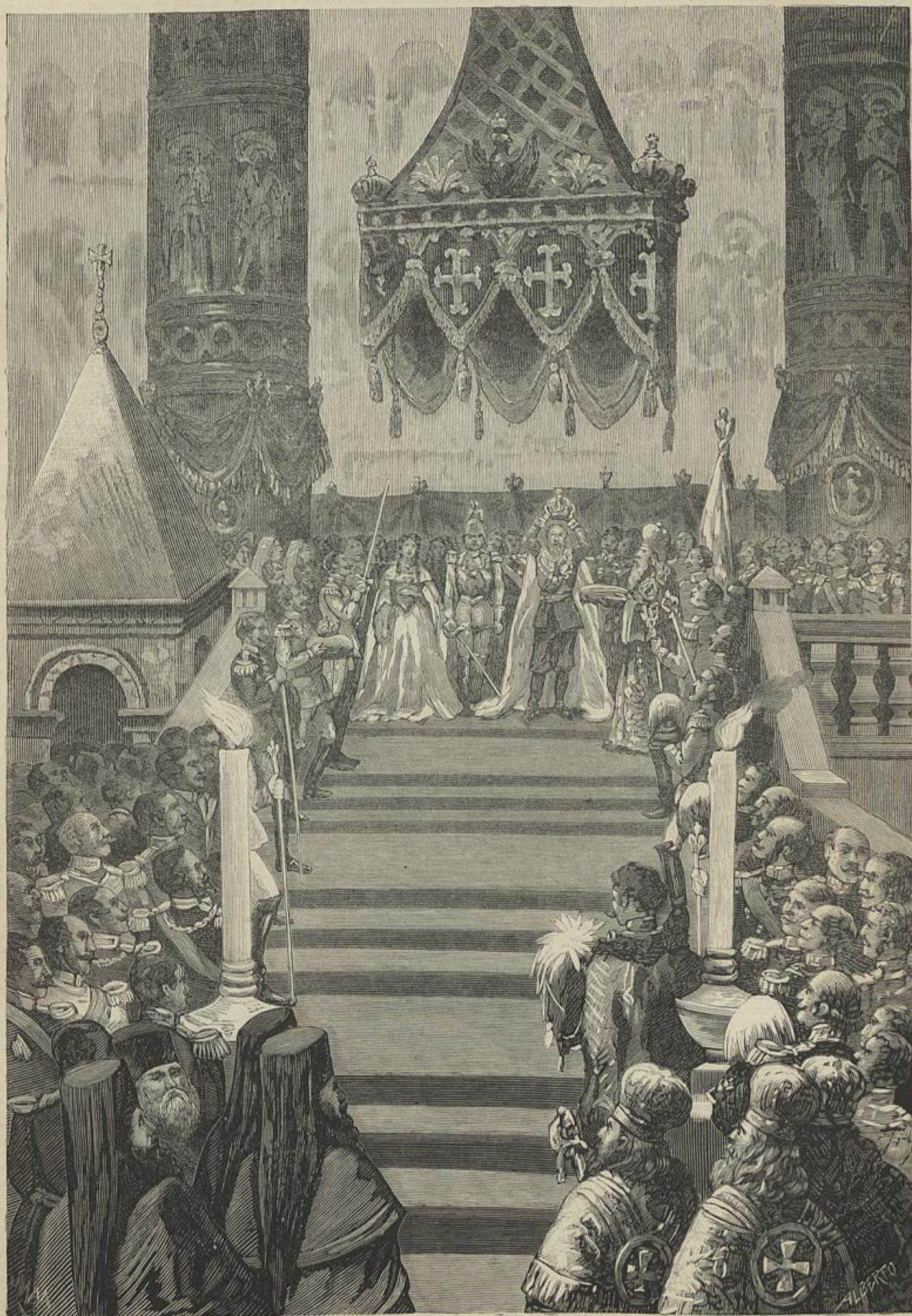
ctos agricolas d'estas regiões, antes do estabelecimento do caminho de ferro. A navegação era feita por portuguezes, e pelo systema do Douro, com o qual muito se parece.

A bacia fluvial do Parahyba é construida por parte da cordilheira maritima que se prolonga desde a sua entrada na provincia de S. Paulo até o declive que faz para sudoeste no municipio de S. Sebastião; pela ramificação da mesma cordilheira que tem o nome de Morro da Barra e serra de Parahybuna; pela serra da Cantareira, desde a sua ramificação Pau Cerne até o seu entroncamento no Morro Lopo; da Serra da Bocaína com suas secções Quebra-Cangalhas e Morro de Itapora; de todo o lado meridional da cordilheira occidental, desde o nucleo de Lopo até á sua entrada nas provincias limitrophes.

Encerrado dentro d'estas montanhas está o amplissimo valle do Parahyba, e em ambas as faces das quatro primeiras montanhas nascem as fontes, e d'ahi a alimentação do rio, porque sua po-

mento que se dignou dispensar-me, serci sempre reconhecido.

A capital da provincia de S. Paulo que mais tarde descreverei detalhadamente, quando descrever a provincia em geral, e em especial as principaes cidades, como Campinas, Ytú, Piracicaba, e outros pontos importantes que visitei, assenta n'um planalto formado de terrenos sedimentares e aluviões antigas, a 700 metros acima do nivel do mar. É a Athenas braziliense d'onde tem sahido muitos vultos illustres que occupam no Brazil as mais elevadas posições. Banhada ao norte, pelo Tamanduathy, confluente do Tiété, tem ruas calçadas com paralelepípedos de granito em substituição do antigo gréz vermelho; onde passam os bonds (vehiculos americanos). Toda a cidade é illuminada a gaz. Ha sete annos para cá tem soffrido uma transformação completa nas construcções urbanas. Ve-se por toda a parte elegantes edificios apaçoados e vistosos chalets.



A COROAÇÃO DO CZAR, EM MOSCOW — O CZAR ALEXANDRE III COROANDO-SE, NA EGREJA DA ASSUMPÇÃO, 27 DE MAIO DE 1883

O portico do palacio da presidencia, as columnatas e portico do jardim publico, e de outros edificios em construcção, são de marmore verde do Pantojo, municipio de Serocaba, que dista 72 kilometros d'esta capital. Este marmore é esplendido por causa da resistencia e de seus veios de diferentes cores.

Os pedestaes e resaltos são de marmore negro, lindissimo por seu lustro excepcional.

As egrejas, em numero de 22, são de pouca importancia pela sua architectura e ornamentação, demonstrando serem os paulistanos os menos devotos que os ytuanos. Em compensação tem os primeiros agua potavel para os usos domesticos, e 30 e tantas escolas de instrucção primaria. O que ha de mais recente a respeito de egrejas, é um templo anglicano, pequeno, mas limpo e elegante.

A egreja presbiteriana tambem possui, um edificio proprio, uma sala especial para as suas predicas e ceremonias religiosas.

(Continua).

A. Lopes Mendes.

A COROAÇÃO DO CZAR

(Continuado do numero antecedente)

Foi no dia 22 de maio que se realizou a entrada solemne do czar em Moscow.

Pelas duas horas da tarde sahio o prestito do palacio de Petrowsk. As tropas da guarda imperial, formando duas alas, guarneciam as ruas por onde passava o cortejo, que não tem semelhante nem na magnificencia, nem na riqueza com outro qualquer que possamos ver ou ter visto; só a subida de um novo czar ao throno dos Ivans e dos Pedros nos poderá proporcionar espectáculo igual.

Ao estrondo de centenares de bocças de fogo dando as salvas da ordenança, ao som estupendo do repicar dos sinos das setecentas egrejas e capellas da cidade, desfilava lentamente aquelle magestoso prestito.

Um chefe de policia seguido por doze agentes, todos a cavallo, rompiam a marcha.

Seguia-se a estes batedores a guarda do Caucaso de S. M. o imperador, montada em cavallos pequenos ajazados á moda asiatica. Os soldados usam farda azul ou vermelha, bastante comprida, grandes bonets de pelles e cartuxeiros sobre o peito.

Iam em seguida os deputados dos povos asiaticos, vestidos dos seus esplendidos trajes nacionaes, pendendo-lhe de riquissimos telins espadas curvas, cujos copos são cravejados de pedras preciosas; os do Don por exemplo, uns de *kaftan* de velludo preto bordado a ouro, outros com a sua tunica mussulmana e turbante, outros trajando quasi á chineza, davam a esta parte do cortejo uma feição especial, fazendo lembrar os triumphos romanos, quando a variedade dos trajes deixava perceber a extensão das conquistas.

Seguia-se a estes a nobreza de Moscow e os empregados da casa do czar. São dignos de mencionar-se: o grão mestre de cerimonias n'um carro, especie de victoria, dourado, tirado por quatro cavallos; vinte e quatro gentis-homens da camara de farda de panno preto, bordada a ouro, chapéu de tres bicos ornado de plumas, montados em garbosos cavallos; doze camaristas com uniforme semelhante, com a chave respectiva nas costas; escudeiros e os altos dignitarios do sequito dos principes estrangeiros em carruagens modernas e douradas, que todas foram feitas expressamente para a coroação de Alexandre II.

Seguiam logo o primeiro marechal e os principaes funcionarios da corte e os membros do conselho de estado em coches de galla.

No espaço comprehendido entre as allas da tropa e as casas, o povo circulava livremente, segundo fôra expressamente determinado pelo imperador.

Ao passar aquella ultima secção do cortejo estrondosos vivas e *hurrahs* romperam das tribunas e janellas, a que o povo correspondeu com entusiasmo, o que indicava a approximação do czar.

Appareceram logo dois esquadrões de soldados da guarda, trajando fardamentos brilhantes e montados em soberbos cavallos, seguindo-se a elles o czar montando um cavallo russo de formas admiraveis. Alexandre III é de elevada estatura e vestido com o uniforme de general e gorro de pelles apresenta uma bella apparencia. O seu rosto manifestava tranquillidade.

De todas as janeilas uma infinidade de senho-

ras o victoriavam, agitando convulsivas os seus lenços alvissimos. Os mujiks choravam de enternecimento, e o povo clamava de entusiasmo e de satisfação. O soberano, na Russia, ainda é considerado o *Pae* dos seus povos, apesar das revoluções.

Formavam escolta ao imperador, o czarewitch, principe herdeiro, os ministros, generaes, ajudantes de campo e todos os principes russos e estrangeiros.

Seguiam-se logo os coches de gala, verdadeiramente deslumbrantes, e em que iam a imperatriz e as princezas.

O da czarina, que foi offerecido por Frederico II da Prussia á imperatriz Isabel, é um verdadeiro monumento. É todo dourado, e ornado de festões de flores pintados sobre toda a caixa. Nos quatro angulos levantam-se quatro aguias, e no meio do tejadilho ergue-se a corôa imperial guarnecida de saphiras e rubis.

Interiormente é forrado de velludo recamado de magnificos bordados de ouro. Dois cordões d'este metal descem do tejadilho e os seus extremos são segurados por dois pagens da imperatriz, que vão assentados em um banco de velludo preto entre o cocheiro e a caixa da carruagem e voltados com a frente para a imperatriz; era tirado por oito cavallos brancos, conduzidos á mão por criados com a libré imperial verde bordada a ouro; sobre a almofada ia o competente cocheiro. Os arreios são de couro coberto de velludo bordado a ouro.

Dentro ia a imperatriz com a princeza Xenia. Ás portinholas cavalgavam estribeiros.

Um esquadrão de cavallaria fechava esta parte do cortejo.

Seguiam-se logo as carruagens de galla das grã-duquezas, depois um esquadrão de couraceiros da guarda que precedia dezeseite carruagens, todas douradas e em que iam as damas da imperatriz, as esposas dos grandes dignitarios, especialmente as que desempenham funções junto da czarina ou das grã-duquezas.

Tres horas largas gastou o cortejo para chegar ao Kremlin. Ao passar pela frente da capella de Nossa Senhora de Iférea, perante cuja imagem ardem de dia e de noite centenares de lumes, apeou-se o imperador do cavallo, e a imperatriz desceu do trem e foram fazer uma oração á Virgem.

Quando, pouco depois, o cortejo chegou á praça Vermelha, um côro formado de oito a nove mil creanças de ambos os sexos entoou uma cantata que produziu effeito maravilhoso.

A praça Vermelha é limitada de um lado pelos muros ameados do Kremlin, do outro por outros edificios e tem na frente a famosa egreja de Vassili-Blajemoi; n'ella erguiam-se immensas tribunas.

Como se disse atrás, é pela porta do Salvador que o cortejo entra no Kremlin, ao reboar do enorme sino de Ivan-o-Grande, e de todos os sinos das egrejas.

Chegando deante do convento da Assumpção todo o cortejo se apeou, entrando na cathedral de Uspensky, onde o prestito era esperado pelos tres grandes metropolitas russos de S. Petersburgo, Moskow e Kiew, trajando vestes magnificas. As suas longas barbas e os cabellos compridos caindo em anneis sobre os hombros fazem involuntariamente recordar os antigos patriarchas.

O cortejo entrou então na cathedral abrindo a marcha os tres metropolitas seguidos por um largo sequito de arcebispos, bispos e outros grandes dignitarios ecclesiasticos.

O mais profundo e religioso silencio reinou no templo. O prestito entrou depois nas outras duas cathedraes que ficam perto da Assumpção.

Então dividiu-se o cortejo. Só o que é verdadeiramente a casa imperial, foi que entrou no Kremlin pela escada, chamada dos leões, onde o czar, segundo o estillo, recebeu das mãos do principe Dolgoronkow, governador geral de Moskow, o pão e o sal, symbolo do dominio e soberania.

As 4 horas da tarde estavam terminadas as cerimonias d'este dia.

(Continua)

R. M.

THEATRO DA RUA DOS CONDES

(Continuado do n.º 162)

Foi elle um dos nossos artistas comicos que mais concorreu para divulgar a mania das glosas obrigadas ao mote — *No cimo da Cotovia*, que já predominava em 1826, e que largos annos se

conservou nos nossos theatros, com o resaiibo dos antigos outeiros. A platéa da Rua dos Condes enchia-se todas as noites para ouvir o Theodorico recitar nas farças as glosas que Ricardo José Fortuna, ou algum dos escriptores *aficionados* d'aquelle palco, compunha diariamente, e que tanto maiores applausos despertavam quanto mais extravagantes eram.

Como especimen apresentaremos a seguinte decima:

Quando Ulysses ed'heou
Esta terra que habitamos,
Tudo quanto destructamos
Com muito tino arranjou:
Sapateiros arrouu
Na rua da Padaria,
Dizem que tinha uma tia
Que apanhava gafanhotos,
E vendia enlões rotos
No cimo da Cotovia.

Em seguida á morte de D. João VI, occorrida nos principios de 1826, fechou o theatro da Rua dos Condes pelo espaço de tres mezes. Diz o actor Santos Matta, que durante este intervalo a maioria dos artistas reuniu-se, formou um plano de sociedade, e, ao recommencarem os espectaculos, abriu os theatros do Salitre e da Rua dos Condes. Foi deploravel o resultado de uma e de outra empresa.

No Carnaval de 1827 os actores que tinham ido para o primeiro d'aquelles theatros, regressaram ao segundo. A companhia estava então forte. O subsidio de 6:000\$000 réis continuou a abonar-se, sendo pago regularmente, e foi elevado a 8:000\$000 réis pelo governo de D. Miguel.

Na Paschoa de 1829 deixaram a Rua dos Condes, para irem representar no theatro de S. Pedro de Alcantara, onde tinham sido escripturados, os seguintes artistas: Ludovina Soares, que enriqueceu no Brazil e por lá ficou, segundo crêmos; Thereza e Maria irmãs de Ludovina; Maria Candida de Souza, Maria Amalia da Silva, João Evangelista da Costa, Manuel Baptista Lisboa, J. J. de Barros, e mais dois ou tres actores de terceira ordem. Ficando d'este modo a companhia da Rua dos Condes fraquissima, reforçaram-na com os actores Victorino, que estava no Salitre, e Matta, auctor dos apontamentos que temos aproveitado em parte. Este ultimo tinha ido para Evora, e de lá veiu quasi á força, pois o tempo assim o permitia, segundo elle proprio escreve.

Durante o dominio de D. Miguel exacerbou-se de novo a gafeira do elogio dramatico, genero de litteratura theatral tão consentaneo com o despotismo, se não d'elle originario. Indiquemos os titulos de algumas d'essas peças, que provavelmente disputavam primasias, como dispartes, á decima que acima se lê, sendo-lhe todavia muito inferiores no chiste. Na segunda feira 29 de setembro de 1828, dia do nome d'aquelle principe representou-se na Rua dos Condes o elogio allusivo a «tão alto objecto» *Neptuno e o Tejo*. A esta peça seguiu-se o *novo drama* em 3 actos — *Carlos 1.º rei de França, ou a apparição de S. Miguel a bem da realéza*. A 26 de outubro do mesmo anno, «dia de jubilo para toda a nação portugueza (rezava a folha official) por ser o augusto natalicio de S. M. F. o Senhor D. Miguel I.» subiram á scena outro elogio — *Os Homens de Protheo*, e o drama em 3 actos *Miguel Wladimiro elevado ao throno de seus maiores*. Passado um anno exactamente representou-se no mesmo theatro *A volta de Astrea*, drama allegorico, original do feaçanhudo miguilista José Agostinho de Macedo. A 30 de junho de 1832, dia em que fazia annos que D. Miguel se tinha declarado rei, deu-se o elogio a *Paç*, que terminava conforme indica a seguinte rubrica «a montanha de fogo transforma-se em monumento, onde apparece a real effigie. Nymphas cantam-lhe hymnos.»

Para se fazer ideia de como se compunham n'este tempo os espectaculos, veja-se o programma do beneficio do actor Arsejas, realisado a 22 de janeiro de 1832. Começou a recita com o primeiro acto da comedia *Os falsos homens de bem*, findo o qual, foi cantado o duetto da *Pastorinha*; representou-se depois o segundo acto d'aquelle peça, e um «*novo tercetto de dança*»; em seguida ao terceiro acto foi executado o «*solo inglez com facas*». Constituiram o resto do espectáculo: um *dialogo de gratidão*, a dança *Adolfo Senhor de Fiume* e a farça o *Aprendiz de ladrão*, em que Theodorico fazia com a maior verdade um dos papeis principaes.

Com o progresso da campanha e com a saída de D. Miguel para as provincias do norte, tornaram-se os espectaculos menos frequentes em Lisboa.

(Continua).

Maximiliano de Azevedo.

BALTHAZAR

(De H. Heine)

(A JOÃO CESARIO DE LACERDA.)

Discorre a noite em meio, e Babylonia, a enorme, a prostituída, absorta em mudo somno, dorme.

No alcaçar regio emtanto a grei servil, que excita, o vinho, e a pompa, e a luz, jubila, ri, estrepita.

Preside Balthazar, na ampla marmorea sala, do imperial festim á inenarravel gala.

O corteção tropel, em variegado alinho, houve crateras de ouro, a trasbordar de vinho.

Das taças o tinnir, o fervido alarido, como fugaz murmúrio, afaga o regio ouvido.

O semblante real se tinge de escarlata, tufa-lhe o peito a audacia, os labios lhe desata.

Contra o Senhor vomita o mais brutal sarcasmo, a affronta mais sangrenta. Em vivo entusiasmo

celebra do ebrio rei a estulta soberbia, em torpe desatino, a baixa escravaria.

Co'o purpurino olhar acena el-rei de leve: sae apressado um servo e torna á sala em breve.

Conduz, ao estrondear dos mais blasphemoscantos, do Templo do Senhor os vasos sacrosantos.

Por infligir a Deus sacrilego desdouro, de espumeo vinho el-rei trasborda um vaso de ouro.

Nos estos de furor que a mente vã lhe abrasa, nas froxas mãos o eleva e d'um só trago o vasa.

«De Babylonia o rei te affronta e desafia. Castiga-lhe os desdens, ó Jehovah!» E ria!

Apenas foi, porém, a atroz blasfemia dita, indomito pavor o regio peito agita

Gelaram por encanto as joviaes risadas. Mudez funerea inunda as fulgidas arcadas.

E a misteriosa mão de um ser ignoto — vede! — a meio do festim se acerca da parede.

No lagedo mural, que subito esplendece, letras de estranha forma escreve — e desaparece.

Observa-o el-rei do solio em tremenda anciedade, a lividez da morte o rosto audaz lhe invade.

A turba cortezã, fria de medo, treme. Paíra em tudo o terror. Nenhum murmúrio freme,

Dos magos o saber mais fecundo e mais certo não logra interpretar o mystico letreiro.

Mas n'essa horrenda noute, impavida estrangula no leito a Balthazar a cortezã matula.

José de Sousa Monteiro.

O AMIGO VISCONDE

IX

Durante todo o jantar, n'esse dia, não se falou d'outra coisa, senão da chegada de Nuno. A tia Dorothea estava morta pelo ver.

Alvaro, do seu logar, ia seguindo a conversa, sem fallar, comendo sempre; mas, de tempos a tempos, cahia absorvido n'uma ideia fixa, com os punhos fíncados na borda da meza, o talher suspenso e os olhos espetados n'um ponto vago da toalha! Já no fim, houve na sala um curto momento de silencio. O criado, em volta, ia sacudindo a toalha com uma escova curva. Alvaro, para fazer alguma coisa, estendeu o braço até ao centro do crystal e pegou n'uma avelã.

— Pois o Nuno, tia Dorothea — disse elle, partindo a casca com os dentes caninos — é um bello rapaz! Uma joia!

— Ah! creio bem! — confirmou D. Dorothea, acenando affirmativamente a cabeça — Creio bem, Alvaro!

E começou então a fallar outra vez de Nuno, recordando n'uma voz cheia de longa saudade, o tempo em que elle era pequenino, e ia passar com ella o mez d'Agosto a Colares! E a cada passo, o seu peito crescia, tremia-lhe a cabeça, e a boa senhora exclamava com uma voz dolorosa:

— Ha que tempos isso vae, bom Deus!

Valentina, do lado, acompanhava a tia na recordação saudosa do passado, auxiliando-lhe a memoria com um ou outro episodio.

— Ó tia Dorothea — disse ella, sorrindo — eu era muito rabina, em pequena. Não era?

— De certo — confirmou Alvaro.

Mas a tia Dorothea, accudiu logo com um sorriso cheio de bondade:

— Não, não eras, filha. Pelo contrario, eras até muito docil. Agora o Nuno...

E suspendeu, para exclamar n'um áparte, levantando os olhos para o ceo:

— Ha que tempos isso vae, meu Deus!

E proseguiu mais calma:

— De uma vez que tu tinhas ido com tua mãe, lembro-me da briga que tiveste com o Nuno. Se tua mãe e eu não accudimos, elle afogava-te.

Valentina não se lembrava; e, com os cotovellos fíncados sobre a meza, e a cara entre as mãos, adiantava-se muito interessada, ouvindo com attenção.

— Porquê? — perguntou ella espantada.

D. Dorothea contou então pausadamente como o caso tinha succedido.

O criado tinha servido o café, e a bôa senhora, mexendo lentamente a colher no fundo da chicara, principiou:

— Estava eu com tua mãe sentada á sombra da tilia, que ha na quinta junto do tanque... José, dê-me mais assucar. Do outro lado, perto do canteiro das rozas, brincavas tu com o Nuno. Ai! ainda me parece que te estou a ver com um vestido cor de roza que eu te tinha trazido de Paris... O Nuno, n'esse tempo, já era mais alto do que tu. Trazia um fato de marinheiro de flanela azul... Eu e tua mãe estávamos muito entretidas a conversar, quando de repente ouvimos gritos afflictivos:

— Ó mamã! ó mamã!

Corremos logo. Encontramos-te a chorar muito, dizendo que o Nuno queria atirar contigo ao tanque. E o Nuno, muito pallido, ainda a tremer, estava ao teu lado, mordendo surdamente a aba do chapeo. Tua mãe pegou em ti, ageitou-te o laço do vestido, e enxugando-te as lagrimas, perguntou-te a causa da briga. Tu olhaste de revez para o Nuno, e respondeste muito baixinho ainda assutada:

— Elle queria que eu cazasse com elle... e eu disse-lhe que não, que havia de cazar com o primo Jorge; e então elle, mamã, quiz deitar-me ao tanque... O mau!

Valentina sorria-se, e, muito ruborisada, dizia:

— Que tolice!... E depois?

— Depois — continuou a tia Dorothea — fizeram as pazes. Tu não te recordas?

— Não — respondeu Valentina — Não tenho a menor ideia!

— Ai! filha, que susto eu tive!

Levantaram-se da meza, e foram sentar-se ao canto do fogão. Alvaro ficára no seu logar, bebericando cognac.

Estiveram assim, durante muito tempo, callados. Valentina, toda reclinada no espaldar, com a pontinha dos sapatos sobre o fender, olhava fixamente uma chamma azulada, que surgia debaixo d'entre as brazas vivas, para lambar em cima uma grande pedra negra de carvão.

Alvaro, erguendo o calix no ar, admirava a transparencia do licôr, que scintillava como um grande topazio.

De vez em quando, a rajada aspera do vento passava fóra d'encontro ás janellas. Ouvia-se ao longe bater uma porta.

E depois, cahia outra vez tudo n'um silencio pesado e somnolento, sentindo-se apenas na sala a respiração lenta e pausada da tia Dorothea, que tinha finalmente adormecido, na cadeira com a cabeça pendente sobre o hombro e as mãos brancas cruzadas sobre o ventre.

De repente, a campainha retiniu. A tia Dorothea acordou, levantando a cabeça e abrindo muito os olhos. Valentina ergueu-se para chamar o criado. Logo que elle appareceu á porta, recomendou-lhe:

— Se fór o sr. Nuno de Mascarenhas, pode entrar para aqui. Outra qualquer pessoa fica na sala.

O criado retirou-se.

Alberto Braga.

EPHEMERIDES ARTISTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1834 — Julho, 1. — Publica-se o primeiro numero da *Gazetta Official do Governo*, que veio substituir a *Chronica Constitucional de Lisboa*.

Continuou com este nome até ao n.º 83 (4 de outubro de 1834) em que modificou o titulo no de *Gazetta do Governo*, ficando assim denominado até ao fim do referido anno, *O Diario do Governo* que se lhe seguiu.

1759 — 2 — Começa a funcionar em Coimbra a *Imprensa da Universidade*, fundada no antigo *Collegio das Artes*, pelo marquês de Pombal.

O edificio do *Collegio das Artes* havia pertencido aos jesuitas, sendo-lhe depois tirado pelo decreto de 19 de janeiro do dito anno que mandou sequestrar todos os bens pertencentes á celebre Companhia de Jesus.

1831 — 3 — São inauguradas as corridas de touros na praça do Campo de Sant'Anna para solemnisar o anniversario da entrada do exercito realista, na cidade do Porto.

A esta festa assiste D. Miguel e sua irmã D. Maria d'Assumpção.

1731 — 4 — Nasce, em Lisboa, Antonio Diniz da Cruz e Silva um dos principaes poetas lyricos, e sem duvida o primeiro poeta satyrico. Foi auctor do *Hyssope*, celebrado poema heroe-comico, o mais perfeito no seu genero que ainda se compoz em lingua portugueza.

Antonio Diniz pertenceu á *Arcadia Portugueza* onde tomou o nome de guerra arcadico *Elpino Nonacriense*.

Falleceu em 5 de outubro de 1799 da idade de 68 annos.

1780 — 4 — Tem logar a inauguração da Academia Real das Sciencias cujos estatutos haviam sido approvados em 24 de dezembro de 1779.

Ha quem diga que foi em 17 de janeiro de 1780, outros em 16 de maio do mesmo anno. *O Anuario da Academia Polytechnica do Porto*, 2.º anno, vae mais exactamente: diz que a abertura da Academia foi em 16 de maio de 1680!

A data precisa porém é a que acima deixamos referida.

1781 — 5 — Sarau lyrico no palacio real de Queluz dado por D. Pedro III para solemnisar o seu anniversario natalicio. Subiu á scena pela primeira vez a opera portugueza *Seleuco, Re di Siria*, musica escripta por João de Sousa Carvalho e executada pelos principaes cantores da Real Camara.

1876 — 6 — Primeiro espectáculo no theatro dos Recreios pela companhia italiana dirigida por Eurico Dominici.

Veiu n'esta companhia a insigne actriz Maria Barac.

1791 — 7 — Representa-se pela primeira vez no theatro da rua dos Condes a opera do maestro Paesiello *Barbeiro de Sevilha* desempenhada pelo Bartocci, Rossi, Martini, Silva, etc.

Esta opera foi representada pela primeira vez em S. Petersbourg em 1780 e em Paris em 12 de julho de 1789 na salla das Tuilleries.

1583 — 8 — Morre o famoso viajante portuguez Fernão Mendes Pinto, auctor do celebre livro *Peregrinações de Fernão Mendes Pinto*, em que elle proprio relata as suas viagens pela Asia, em que andou vinte e um annos.

Este insigne portuguez foi o primeiro descobridor do Japão. O seu livro é um thesouro de erudição pelo que respeita aos estados da Ethiopia, China, Japão e Abyssinia.

1839 — 8 — Representa-se pela primeira vez no theatro de S. Carlos a opera *Nova Castro* (D. Ignez de Castro) musica do maestro portuguez Manuel Innocencio dos Santos e poesia de Antonio Perfume.

Foi a segunda peça de auctor portuguez vista

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Uso faz lei.

até então n'aquelle theatro. A primeira havia sido *Egilda de Provensa*, representada em 1827. A peça foi recebida com enthusiasmo. 1354 — 9 — Morre D. Pedro Affonso, conde de Barcellos e filho natural d'el-rei D. Diniz. Foi auctor do *Nobiliario* ou *Livro de Linhagens*, que depois foi commentado por Lavanha, Alvaro Ferreira Vera, Manuel de Faria e Sousa e Felix Machado, marquez de Montebello. 1820 — 10 — Representa-se pela primeira vez em S. Carlos a opera de Rossini *Os turcos na Italia*, desempenhada pela Balbi, Rossick, Copprini Veglia, etc.

a tragedia desastrosa da morte do principe D. Affonso, filho de D. João 2.º; alli se passam muitas scenas do reinado de D. Manuel, alli vem repousar no ultimo somno o descobridor do Brazil; alli os casamentos de tantas gentis princezas que ou douraram os thalamos dos nossos reis, ou foram aureolar os estrangeiros; alli nasce Frei Luiz de Sousa, o imaginoso chronista de S. Domingos, o soldado e poeta, o frade e prosador; alli ainda nos tempos modernos os

os seus edificios, percorriamos os seus arrabaldes, subiamos aos seus altos para contemplar o risonho espectaculo dos seus campos, ou o magestoso quadro do Tejo convertido em mar. — Zephyrino Brandão apaixonou-se, como nós, por Santarem, mas teve a felicidade de viver alli perto de cinco annos e d'ahi resultou o seu livro que será lido e consultado, porque é feito com consciencia e estudo, o que nem sempre se faz hoje. Ha muitas observações no livro de

Z.Brandão que devem envergonhar muitos mandões d'esta nossa terra. Necessariamente em uma obra de longo folego hão de ter escapado alguns descuidos, e nem todos, sem nos exceptuarmos, concordarão com algumas opiniões, observações ou juizos emitidos pelo illustre auctor, mas todos, ao lel-o, sympathisarão com a sua maneira de expôr franca e sincera, ainda quando encontra a opinião do leitor. Z. Brandão não fez obra de convenções; analysou os homens e as coisas, e disse o que entendeu. Errará algumas vezes, acertará muitas. O que desejavamos era mais livros d'estes, para nos desaffrontarem de tanta ninharia insulsa, de tanta producção nebulosa de que andamos gafos ha muito tempo.

ELEMENTOS PARA A HISTORIA DO MUNICIPIO DE LISBOA, continua com o interesse que desde o principio excitou entre os homens doutos, a publicação d'esta obra importante. Sahiu o fasciculo ou folha 13 em que se continuam os impostos, já mencionados, e outros sobre carros, etc. Começa-se a tratar do *Alqueidão*, essa propriedade ancianissima, cuja origem se perde pelo dominio musulmano a dentro, e existe no logro do municipio desde os tempos do primeiro rei de Portugal D. Affonso Henriques.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS, — ... terceiro anno, setima serie — 1883. — David Corazzi, editor. *Empreza Horas Romanticas*. — *Admihistração*; 40, rua da Atalaya, 52, Lisboa. *Filial no Brazil*: 40, R. da Quitanda, Rio de Janeiro. Publicou-se o fasciculo intitulado — *Medicina domestica*. Se são precisos os conhecimentos de hygiene para empregar todos os meios preventivos contra os males a que está sujeita a humanidade, não deixa de ser muito necessario saber os cuidados que devemos usar quando algum d'esses males nos ataca ou a nossa familia; um remedio simplicissimo muitas vezes, applicado no principio de um padecimento, pôde evitar graves e terriveis consequencias. E' esse o fim da *medicina domestica* que todos os paes e mães de familia devem conhecer.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1883, LALLEMANT FRÈRES, Typ. LISBOA 6, Rua do Thesouro Velho, 6

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

MONUMENTOS E LENDAS DE SANTAREM, por Zephyrino N. G. Brandão, capitão de artilheria, obra illustrada com gravuras por C. Alberto da Silva. — Lisboa, David Corazzi, editor, *Empreza Horas Romanticas*, premiada com medalla de ouro na exposição do Rio de Janeiro. *Administração*: Rua da Atalaya, 40 a 52. *Filial no Brazil*: 40, Rua da Quitanda, Rio de Janeiro, 1883. 8.º francez de viii pag. comprehendendo ante rosto, rosto, dedicatória a S. M. El-rei o sr. D. Luiz, Advertencia, 684 pag. de texto, 1 de additamento ás notas e 1 de indice e 5 gravuras, comprehendendo as tres primeiras o antigo sello do municipio Santareno, começo do foral de D. Fernando, começo do foral de D. Manuel, a quarta uma guarita das antigas muralhas de Santarem, a *torre das cabacas*, S. João d'Alporão, e a fachada principal da igreja de Nossa Senhora da Graça; e a quinta representa um capitel arabe, que foi publicado a pag. 192 do nosso 5.º volume. — Ha com certeza uma predilecção entre os nossos escriptores por a antiga e nobre villa, hoje cidade de Santarem, que desde os tempos mais remotos dos povoadores da peninsula parece ter namorado todas as gerações e todos os povos que tem habitado este bello trato de terreno. Desde o seu mais antigo nome conhecido de *Scalabis* ou *Scalabi-castrum*, e o de *Presidium julium* até ao de *Santarem*, convertido ás vezes pelos arabes em *Santa-Aren* ou *Chanteryn*, esta entidade territorial atravessa a diuturnidade dos tempos sempre bella e memoranda. Depois de constituído o reino de Portugal alli vem o primeiro Affonso executar uma das suas mais audaciosas emprezas; ali vem quebrar-se a potencia mussulmana de encontro ás hostes do velho guerreiro e ás de seu valente filho, marcando como desbarato de *Abu-Iacub-Iusuff*, junto a Santarem a decadencia completa do poder dos almoravides na peninsula. Pelo tempo adiante quasi toda a historia de Portugal se passa em torno d'aquelle ativo padraço que asseberba o Tejo; alli S. Freire Gil e a sua lenda; alli D. Fernando e os seus amores; alli o condestavel, a sua espada e o alfageme; alli



PRINCIPIO DO FORAL DE EL-REI D. MANUEL

Gravura extrahida do livro *Monumentos e Lendas de Santarem* — Edição de David Corazzi

combates das guerras civis, patria de um dos mais valentes soldados d'essas luctas Sá da Bandeira, e o logar visitado e ennobrecido pelos dois maiores talentos portuguezes do seculo presente um que lavrou Santarem em brilhante imaginoso e inimitavel, outro que a escolheu para os seus devancios solitarios, e onde encostou pela ultima vez a cabeça pensadora. — E' pois de Santarem que o presente livro nos fala e por mais frios que queiramos analysar uma obra, que é ao mesmo tempo trabalho de investigação, de estudo e de arte, insensivelmente nos recordamos dos primeiros tempos da nossa mocidade quando visitavamos

usar quando algum d'esses males nos ataca ou a nossa familia; um remedio simplicissimo muitas vezes, applicado no principio de um padecimento, pôde evitar graves e terriveis consequencias. E' esse o fim da *medicina domestica* que todos os paes e mães de familia devem conhecer.

EXPEDIENTE

do ALMANACH ILLUSTRADO do OCCIDENTE PARA 1884

Recebem-se n'esta redacção, charadas, enigmas, passa-tempos, etc. para serem publicados no ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE PARA 1884.

Recebem-se tambem annuncios, mediante a tabella impressa na capa do almanach de 1882 e 1883, até ao dia 30 de junho do corrente anno.

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE PARA 1882 E 1883

Cada um..... \$200
VIAGEM Á RODA DA PARVONIA PELO COMENDADOR GIL VAZ
Um volume de 240 paginas illustrado por M. de Macedo..... \$500

A COMEDIA BURGUEZA 1
SAPATOS DE DEFUNCTO Por Leite Bastos
EDIÇÃO DE LUXO
Um volume de 200 paginas illustrado por M. de Macedo..... \$600

CAPAS CARTONADAS

PARA ENCADERNAÇÃO DO

OCCIDENTE

A Empreza do OCCIDENTE tem á venda capas especiaes para encadernação em separado de cada um dos volumes do OCCIDENTE, 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º

PREÇO DE CADA CAPA 800 RÉIS

Para fóra de Lisboa enviam-se francas de porte a quem remetter a sua importancia em estampilhas ou vales do correio.

Tambem se fazem encadernações com estas capas por 1\$200 réis.